

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

Mátria XXI

- n.º 8 -



Santarém • Maio 2019

Alexander von Humboldt e a Ciência luso-brasileira do seu tempo (1792-1857)

Daniel Estudante Protásio¹

Resumo

O presente ano de 2019 é reconhecido internacionalmente como Ano Humboldt, marcado tanto pela morte (a 6 de Maio) quanto pelo nascimento (14 de Setembro) de Alexander von Humboldt (1769-1859). Torna-se, assim, útil realizar o estado da arte relativo ao impacto do seu legado na Ciência e política de língua portuguesa, dos finais do século XVIII a meados do XIX. Impacto disseminado por personalidades tão ricas quanto Thomas Jefferson, José Bonifácio de Andrada e Silva, José Francisco Correia da Serra e Francisco José Maria de Brito. Revisita-se, a esse propósito, bibliografia impressa no último meio século, de 1967 a 2017, dando-se prioridade à mais recente, por constituir o fecho de abóboda do edifício interpretativo.

¹ Pós-doutorado em História pela Universidade de Coimbra, com um estudo sobre a historiografia e prosopografia dos primeiros oitenta anos da Academia das Ciências de Lisboa (1779-1859). É investigador integrado do Centro de História da Universidade de Lisboa, investigador colaborador do CEIS20 (Universidade de Coimbra), secretário da Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa e investigador do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão, de Santarém. Publicou, em 2016 e 2018, dois livros sobre o visconde de Santarém.

Palavras-chave: Iluminismo; Ciência; Redes; Alexander von Humboldt.

Abstract

The current year of 2019 is internationally recognized as Humboldt Year, marked by the events of the death (May 6th) and birth (September 14th) of Alexander von Humboldt (1769-1859). It is useful, then, to make a state of the art synthesis about the impact of his legacy in Portuguese-speaking Science and Politics, from the end of the 18th century till the middle of the 19th century. Impact disseminated by rich personalities as Thomas Jefferson, José Bonifácio de Andrada e Silva, José Francisco Correia da Serra and Francisco José Maria de Brito. Bibliography printed in the last half century (1967-2017) is revisited, and priority given to the most recent, because it represents the vault closure of the interpretative building.

Key-words: Iluminism; Science; Networks; Alexander von Humboldt.

Introdução

A leitura de uma biografia intelectual comparada de Thomas Jefferson (1743-1826) e de Alexander von Humboldt (1769-1859), por Sandra Rebok², revela vários méritos. Entre eles, os de demonstrar a aplicação de uma metodologia crítica às redes de sociabilidades científicas do início do século XIX, ao intercâmbio de ideias e conceitos, sua disseminação e evolução de centros para periferias, com retorno

² Sandra Rebok 2014.

enriquecido. A autora explica-nos como Jefferson e Humboldt, duas figuras míticas da Revolução Americana e da Revolução Científica do Iluminismo, se influenciaram de forma mútua. Sem, no entanto, os temas debatidos entre si e em rede tivessem, como é lógico, os mesmos significados no espectro político dos dois lados do Atlântico.

Este último aspecto constituirá, para a historiografia luso-brasileira que se debruça sobre Ciência e política das décadas de 1770 a 1850, um dos mais estimulantes desafios e impulsos para reavaliar, de forma integrada, uma possível prosopografia e análise conceptual de figuras maiores dos ditos Novo e Velho Mundos. Pois os dados carreados por Sandra Rebok para esta obra, trabalhados em qualidade e analisados sob diferentes perspectivas, a propósito de dois intelectuais, um americano, outro prussiano³ trazem à memória, de forma directa e indirecta, muitos outros, respeitantes à realidade luso-brasileira.

Vejamos, pois, como a metodologia de Rebok pode ajudar-nos a entender, numa multiplicidade de redes e de conceitos-chave, o que constitui uma miríade de referências a Alexander von Humboldt no percurso de vida cultural de muitos sábios brasileiros e portugueses, dos finais do século XVIII até à sua morte, em 1859. De facto, o viajante prussiano parece ser, na época, uma espécie de cometa cuja passagem, por diversos espaços e figuras, deixa no ar mais interrogações do que respostas, mais pó estelar do que impacto directo. Há, pois, que procurar esclarecer tais indicações, em contexto.

Por outro lado, verificaremos como a estadia de Humboldt e de Bonpland em Madrid em 1799 e a sua expedição pela América Espanhola, em 1799-1804, influenciaram missões científicas e artísticas alemãs, austríacas e francesas ao Brasil (1815-1817).

³ Mas sobretudo cosmopolitas nos trajectos, projectos e pensamento.

Por fim, em ambos os lados do Atlântico, da Revolução Americana de 1776 às revoluções ibéricas e brasileira de 1820-1821, passando pela Santa Aliança de 1815, conviviam de forma transitória o Velho Mundo tradicionalista e proto-liberal com os ímpetus revolucionários do Novo Mundo. Pela guerra e pela paz; na comunhão de ideais e estudo de novas formas de organização do governo e da sociedade. Se Jefferson e Humboldt constituíam, como nos explica Sandra Rebok, o verso e reverso de uma mesma moeda, com preocupações comuns como Ciência, liberdade e escravatura (mas sob perspectivas diferentes), de que forma influenciaram os émulos luso-brasileiros? É sobre tais problemáticas e com o que se aprende sobre uma amizade transatlântica do Iluminismo que procurarei verificar sua aplicabilidade metodológica a outras realidades contemporâneas, de língua portuguesa.

Revolução e Ciência

Um dos aspectos mais estimulantes deste livro é como, a partir de pouco mais de uma dúzia de cartas trocadas entre Jefferson e Humboldt, Sandra Rebok constrói uma análise temática ao mesmo tempo sintética, sistemática e coerente. Consegue extrair, desses e de muitos outros documentos, existentes na Alemanha (de onde é natural), em Espanha e nos Estados Unidos (onde desenvolveu as suas investigações), uma interpretação consistente e multiforme do que unia e diferenciava Humboldt e Jefferson. Conhecendo-se em 1804, foram testemunhos privilegiados dos acontecimentos do tempo e sobre eles se debruçaram.

O papel utilitário e central da Ciência e do conhecimento científico, tanto sobre a natureza quanto sobre o homem, foi uma apreensão comum que mantiveram, ao longo dos respectivos trajectos de vida. Como ferramenta de progresso humano e de domínio das riquezas dos três reinos naturais, a Ciência foi algo que os uniu.

Jefferson, enquanto autor das *Notes on the State of Virginia* (1785) e, quando presidente dos Estados Unidos, dinamizador da expedição de Lewis e Clark (1804-1806), aliava os interesses teórico-políticos ao amor do artesão e do botânico. Como um dos Pais Fundadores, em 1776, traçou uma forma moderna de estar na vida e na *res publica*. Humboldt sofreu no espírito o preço de ver, *in loco*, as maravilhas naturais da América Espanhola, preocupando-se com a sorte das populações nativas e com a optimização da interrelação homem-território. Procurou, tal como o amigo americano, acumular e divulgar uma súpula imensa de dados, que fizeram de ambos nomes maiores da Ciência mundial do século XIX. O seu exemplo, aliás, não era inédito: já na Prússia de Frederico o Grande e na França de Voltaire e de Diderot, as preocupações enciclopedistas das elites intelectuais formaram as bases para escolas de pensamento e de acção muito diversas, por vezes antagónicas.

Humboldt, José Bonifácio de Andrada *et al*

É assim que uma das figuras de maior prestígio intelectual e político do Portugal dos finais de Setecentos e do Brasil do primeiro terço de Oitocentos, José Bonifácio de Andrada e Silva (1767-1838), enquanto aluno da Academia das Minas de Freiberg, foi colega de Humboldt nas aulas de Abraham Gotlob Werner, em 1792 e 1793. O mesmo sucedeu com Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá (1762-1835), engenheiro e futuro presidente da primeira Assembleia Constituinte brasileira⁴. Patricia Telles, autora brasileira que publicou em 2017 um ensaio de grande qualidade sobre outra amizade transatlântica (Barca-Brito), informa-nos que António de Araújo de Azevedo, amigo de Andrada e Silva, com ele visitou as minas de Freiberg por volta de 1798. O futuro conde da Barca conheceu o geólogo Werner e, em Setembro de 1799, Goethe⁵. Como é sabido, tais

⁴ Carlos Teixeira 1967, pp. 157-158, Sandra Rebok 2014, pp. 5-6 e Adrien Balbi 2004 II, p. LX.

⁵ Patricia D. Telles 2017, pp. 102-103.

viagens constituíam uma espécie de *cursus honorum* para os intelectuais da época.

Entretanto, o aprendizado de José Bonifácio de Andrada e Silva no espaço centro-europeu começa a desenvolver, nas áreas da mineralogia e siderurgia, uma rede radicular de distribuição de conhecimentos técnico-científicos e de contactos entre indivíduos dotados da utensilagem mental para os aplicar. Em 1802, restaura a Real Fábrica de Ferro da Foz do Alge, em Portugal. Ainda que a experiência não seja coroada de sucesso, a presença do barão de Eschwege e de Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen, dois jovens alemães especialistas nas matérias, exemplifica mais uma situação de como a ciência de Werner, transmitida a um conjunto de lusobrasileiros e germânicos, concretiza um novo cruzamento de interesses tecnológicos e de partilha de ideias e projetos⁶. Em 1802-1810, Ludwig von Eschwege permanece em Portugal, ocupando o cargo de director régio de minas. No espaço de aquém e além-mar, recolhe informações nas áreas da geologia, paleontologia, técnicas de mineração e administração de minas. As suas obras fá-lo-ão conhecer Humboldt e ser lido por Goethe e Marx⁷. Ou seja, pela língua, áreas de interesse científico e origem geográfica, Eschwege, membro da Academia das Ciências de Lisboa e figura importante da ciência e cultura portuguesas, integra também a rede internacional de correspondentes de Humboldt.

Quanto à viagem de Humboldt e de Bonpland (1799-1804), são desprovidos de fundamento cronológico e documental os ecos de contactos, em 1799-1800, com e a propósito do sábio prussiano. A saber: antes de 1816, entre Humboldt e o conde da Barca; em 1800,

⁶ Carlos Teixeira 1967, p. 160. De notar que Ferreira da Câmara Bittencourt e Varnhagen administraram, no Brasil, a Real Extração de Diamantes e a Fábrica de Ferro de Ipanema.

⁷ Maria João Baptista Neto 2007, p. 386 e n. 6.

entre António de Araújo de Azevedo e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, solicitando a permanência do viajante estrangeiro no Maranhão⁸.

Abade Correia da Serra, jeffersoniano

Outra personalidade portuguesa, José Francisco Correia da Serra (1750-1823), estabelece relações, no Velho e Novo Mundos, com Humboldt e Jefferson e alguns dos seus amigos e colaboradores, tanto políticos quanto intelectuais. Em Paris desde 1802, é eleito para a Sociedade Filomática em 1807 e, a 11 de Dezembro desse ano, “membro correspondente na classe de História e Literatura Antiga do Instituto de França. Os seus biógrafos referem os botânicos franceses [sic] que nesse tempo frequentaram o Jardim Botânico de Paris: Antoine de Jussieu, von Humboldt [...], Cuvier. Mas num outro itinerário surgem outras figuras de políticos e humanistas, como o Marquês de Lafayette, Pierre Samuel du Pont de Nemours”⁹. Correia da Serra parte para os Estados Unidos em Janeiro de 1812, sendo calorosamente recebido pela elite social e política de Filadélfia e Washington¹⁰. Para tal tratamento de distinção terão, sem dúvida, contribuído a sua fama e carácter, mas não será despicienda a carta de introdução que Humboldt envia a Thomas Jefferson a 20 de Dezembro

⁸ Jean de Pins 1984, p. 27, escreve que em Maio de 1799 o morgado de Mateus, deixando o seu posto em Copenhaga e passando por Hamburgo, encontra António de Araújo de Azevedo, confiando-lhe este “documentos cartográficos que acabam de lhe ser entregues por Humboldt, no âmbito da sua primeira viagem pela Amazónia”. Porém, nessa altura, o explorador ainda permanecia em Espanha (Miguel Ángel Puig-Samper Mulero 2008, p. 69). Patricia Telles menciona fontes que indicam que em 1800 António de Araújo de Azevedo, futuro conde da Barca, teria aconselhado D. Rodrigo de Sousa Coutinho a autorizar a permanência de Humboldt no Maranhão, o que é duvidoso, em termos cronológicos (Patricia D. Telles 2017, p. 155, n. 280). Aparentemente, não se teriam conhecido pessoalmente em Paris em 1790, nem mais tarde (Idem *Idem*, p. 80). Apenas subsiste uma carta de Humboldt ao conde da Barca, de 1 de Março de 1816, bastante formal e não evocando, como nas correspondências Humboldt-Jefferson e Barca-Brito, convívio e trocas epistolográficas anteriores (Idem *Idem*, p. 170).

⁹ Léon Bourdon, 1975, p. 2, n. 1 e António Faria 2001, p. 84.

¹⁰ Léon Bourdon, *Ibidem*.

querida a Jefferson, motiva a intervenção de José Francisco Correia da Serra no sentido de, junto dos herdeiros de Clark, identificar os materiais pertencentes ao governo federal, financiador da viagem²². Outro assunto comum foi a da fundação da Universidade da Virgínia, que ocorre em 1819, apenas entrando em funcionamento em 1825, já após a morte do português²³. Na última carta conhecida que dirige a Thomas Jefferson, a 12 de Outubro de 1820, Correia da Serra lamenta o fim de uma época, jeffersoniana: “Vejo com dor que o belo e novo carácter que V. imprimiu em sua nação está rapidamente a desaparecer”²⁴.

A influência mútua, civilizacional e ideológica, intercontinental, é ilustrada dez anos depois por Almeida Garrett, poeta e pensador político português, quando escreve acerca das revoluções europeias de 1820: “Exigia a ordem alternada da recíproca influência dos dois mundos, que reflectisse agora para o Meio-Dia do Novo, o grande movimento que de seu Setentrião tinha vindo abalar o Velho”²⁵. Será, aliás, por causa da guerra de corso contra a navegação portuguesa, exercida pelos navios americanos de Baltimore, que Correia da Serra abandona em 1820 o posto diplomático em Washington²⁶. Em 1823 a Doutrina Monroe consubstancia o que, informalmente, já era prática: a apologia da não-ingêrência europeia nos assuntos do hemisfério ocidental. Defendida, de resto, anos antes, por Jefferson. O qual, coerente consigo mesmo, condena a indiferença formal das autoridades dos Estados Unidos perante o corso contra navios do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sedeados no Rio de Janeiro²⁷.

²² Idem, *Idem*, pp. 165-166, 179-180, 192-197, 200 e 205-206.

²³ Idem, *Idem*, pp. 139-141, 219-226, 235-236, 240-242, 246-247, 252-254, 258-260, 263 e 267-269.

²⁴ Idem, *Idem*, pp. 296-297.

²⁵ João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, S.D. [1830], p. 64.

²⁶ Richard Beale Davis S.D. [1993], pp. 273-275.

²⁷ Idem, *Idem*, pp. 298-301.

Missões europeias ao Brasil no âmbito da Santa Aliança (1815-1817)

Além das influências geoestratégicas e ideológicas mútuas, é inegável o fascínio naturalista, científico e artístico exercido pelas Américas no Velho Mundo. A publicação, a partir de 1807, de *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent: fait en 1799, 1800, 1801, 1803 et 1804*, de Humboldt e Bonpland, em Paris, maravilhou as elites europeias. “O maior interesse era rastrear o Novo Mundo pesquisando plantas, animais e índios... [...] Humboldt influenciou diversos artistas [...] e a característica marcante [...] dos artistas humboldtianos, era representar tudo o que viam de maneira enciclopédica, ou seja, explicando detalhadamente tudo o que viam”²⁸.

Mas não só. Também em Portugal e no Brasil (Reino Unido em 1815), as publicações de Humboldt servem de paradigma às almejadas transformações económicas, sociais e políticas para o Novo Mundo. O grande amigo, companheiro e correspondente de António de Araújo de Azevedo entre 1789 e 1817, o chevalier de Brito, Francisco José Maria de Brito, frequentava, em 1811, a parisiense Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale – fundada em 1801, na qual Humboldt ingressou em 1804. É aventada a hipótese de ter sido Correia da Serra a apresentar Brito a Humboldt. Em 1811, Brito afirma que a *Viagem de Humboldt a Nova Espanha* era “obra de muito proveito para a terra da promessa [Brasil]”. Quanto ao “*Ensaio político de Humboldt sobre o México*”, di-lo “excelente obra e mui necessária aí [Brasil] pela analogia e por induções que servirão de melhor guia do que planos bem organizados, mas faltos da experiência e da aplicação”²⁹.

²⁸ Adriana Caló (consultado a 15 de Março de 2019).

²⁹ Patricia D. Telles 2017, pp 130 e 170. Trata-se, respectivamente, de *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804...* (começado a publicar em 1807) e do *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle Espagne*, de 1811.

De modo similar, em 1815 Correia da Serra e Jefferson realizavam investigações geológicas. Além disso, “Nas terras Cherokee [Correia da Serra e Francis W. Gilmer] fizeram várias observações botânicas”, bem como acerca das populações indígenas. Também então José Francisco Correia da Serra e o conde da Barca trocavam correspondência sobre a excelência do tabaco da Virgínia, que já interessara D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares, falecido em 1812³⁰.

Por outro lado, em diversas capitais europeias, desenvolve-se exponencialmente a curiosidade pelo Brasil (onde a corte portuguesa residia desde 1808), sobretudo após a derrota final de Napoleão I em Waterloo (1815). Nesse mesmo ano, o príncipe renano Maximilian zu Wied-Neuwied viajou incógnito e visitou, na condição de naturalista e etnólogo, as províncias de Rio Janeiro, Espírito Santo e Baía.

Na Europa, estabeleciam-se laços entre Humboldt e outra figura portuguesa, neste caso, o diplomata marquês de Marialva (1776-1823). A propósito da *Missão Artística Francesa* de 1816 ao Brasil e da conseqüente criação da Academia das Belas-Artes do Rio de Janeiro, pelo conde da Barca, fala-se no auxílio que foi prestado a este estadista por “recrutadores de artistas, como Alexandre de Humboldt em Berlim e o marquês de Marialva em Paris”³¹. Marialva, internado em França por Napoleão I em 1808 e representante do regente português em Paris desde 1814, acolhe no seu “círculo íntimo” o barão de Humboldt³²), que reside na Cidade-Luz entre 1804 e 1827. Patricia Telles revisita a historiografia sobre o que qualifica, em subtítulo, de *missão francesa* de 1816, determinando que o grande

³⁰ António Faria 2001, pp. 108 e 111 e Richard Beale Davis S.D. [1993], p. 159, n. 108 (sobre Gilmer).

³¹ Jean de Pins 1984, p. 144.

³² Patricia D. Telles 2017, p. 21, n. 10.

impulsionador desse momento cultural (mais do que um movimento organizado) foi o chevalier de Brito e não o marquês de Marialva³³.

Quanto à Missão Austríaca de 1817, que chega ao Brasil em Julho desse ano, meses antes da vinda da arquiduquesa D. Maria Leopoldina, inclui cientistas de renome, alguns dos quais para sempre ligados aos primeiros estudos europeus do Brasil, como Martius e Spix³⁴. O projeto, diplomático, científico e artístico, foi pensado no cerne do poder político imperial da Áustria: “Já em 1816, quando diplomatas de ambos os países encetaram as negociações para o matrimônio, Francisco I tinha em mente uma expedição científica com fins de coleta para enriquecer o Museu de História Natural da corte. O chanceler de Estado Metternich, bastante interessado por questões científicas, reservou-se o direito de assumir a direcção geral do projecto”³⁵. Também a arquiduquesa austríaca D. Maria Leopoldina (esposa do príncipe herdeiro português) buscava, recolhia e catalogava espécimes dos três reinos da natureza, preparava e embalsamava animais e enviava outros, vivos, para “seus parentes na Europa”³⁶. Pedia ao marquês de Marialva a remessa de um exemplar do *Journal des mines et d’histoire naturelle*, “indispensável em um país [Brasil] que proporciona tantas oportunidades de nos instruímos e aperfeiçoarmos nestas duas belas ciências”³⁷. Mas quando ocorrem as revoluções liberais em Portugal e no Brasil, em 1820-1821, a arquiduquesa espanta-se que Marialva não queira regressar de Paris “à sua terra”³⁸. A futura imperatriz brasileira muda, em poucos meses,

³³ Idem, *Idem*, pp. 18-39.

³⁴ Francisco Solano Constâncio 1839 II, pp. 209-210.

³⁵ Angel Bojadsen 2006, p. 72. Metternich e Jefferson foram estudados comparativamente por James R. Sofka 2011, cit. por Sandra Rebok 2014, p. 210.

³⁶ Angel Bojadsen 2006, pp. 77-78.

³⁷ Idem *Idem*, pp. 340, carta de 14/6/1818.

³⁸ Idem *Idem*, p. 385, carta de 20/9/1821. Entretanto, o barão de Eschwege é portador de novidades para Francisco I (Idem *Idem*, p. 384, carta de 8/7/1821).

de discurso, face aos acontecimentos políticos. Passa de “todos nós, portugueses” para “nós, brasileiros, nunca seremos capazes de sofrer as extravagâncias da Mãe-Pátria” e “sempre permanecerei brasileira de coração”³⁹. Ama o território, independente, que estuda via Ciência.

Ainda antes do reconhecimento diplomático português da independência brasileira⁴⁰, o *chevalier* de Brito e o barão de Humboldt continuavam a manter laços ocasionais, documentados. Assinado o tratado de 28 de Agosto de 1817 entre o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e a França, pela qual a Caiena Francesa era devolvida, o responsável pelo mesmo, Brito, pede ao sábio prussiano “que o ajudasse a verificar a localização geográfica das fronteiras”⁴¹.

Por fim, quando Correia da Serra se demite do posto diplomático nos Estados Unidos, em 1820, é ministro dos Negócios Estrangeiros o conde de Palmela (1772-1850), “o qual tinha sido seu aluno”⁴².

1820-1857: legados de Humboldt, Bonifácio de Andrada e Correia da Serra

Voltando Correia da Serra a Paris, em Dezembro de 1820, cruza-se com o visconde de Santarém, designado para a legação portuguesa em Copenhaga, posto que nunca ocupou *in loco*. É sabido que Santarém conhece Marialva e Cuvier em 1820-1821 (apresentados por Correia da Serra?) e Humboldt em 1822. Expressa ideias iluministas, plasmadas em frases de 1827 sobre os estudos históricos (“Os documentos são o farol da história”) e parafraseia o filósofo empirista Francis Bacon, a propósito da experiência

³⁹ Idem, *Idem*, pp. 385, 399 e 418, cartas de 20/9/1821, 10/5/1822 e 6/11/1822.

⁴⁰ Em 1825.

⁴¹ Patricia D. Telles 2017, p. 164, n. 298.

⁴² Richard Beale Davis S.D. [1993], p. 113.

revolucionária nacional de 1820-1823: “necessitamos [...] remediar as nossas confusões históricas”⁴³. Entre 1828 e 1834, exerce funções de ministro dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel. Pouco antes de entrar na Sociedade de Geografia francesa, em 1835, retoma contacto com o sábio prussiano, mantendo relações epistolares até 1843 (com 5 extractos de cartas conhecidos). É, aliás, um aceso admirador das obras de Alexander von Humboldt. Pretende mesmo esclarecer o que diz respeito, na edição de 1836-1839 do *Examen critique de l’histoire de la géographie du Nouveau Continent*, à ciência náutica dos descobrimentos portugueses e aos argumentos contrários à prioridade lusa na chegada a África ocidental.

Além do visconde de Santarém, o futuro conde do Lavradio (D. Francisco de Almeida), importante diplomata português das décadas de 1840 e seguintes, beneficia do contexto de emigração lusitana em Paris em 1820-1821, tão rico de ciência e sociabilidades (no convívio com Correia da Serra, Marialva e Mateus).

De 1821 a 1823 e de 1831 a 1833, José Bonifácio de Andrada e Silva desempenha um papel decisivo na política brasileira e na independência do país. Quanto a Portugal, Palmela e Santarém, ambos influenciados por Correia da Serra, disputam, em 1828-1833, a vitória diplomática na luta dinástica interna⁴⁴. Um dos sábios prussianos que estuda o Brasil (Martius) e Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878⁴⁵), filho de Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen, influenciarão a historiografia brasileira emergente com o segundo reinado imperial de 1831 e a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838. Francisco de Varnhagen, inclusive, receberá elogios de

⁴³ Santarém, 1910 [1827] I, p. 35 e *Idem* 1827, p. III. “Daqui resulta, na parte de direito público e de história, o ser-nos aplicável o que Bacon dizia da filosofia: *que a maior parte dos erros e abusos dos homens provinham das falsas noções das ideias; que era, pois, necessário refazer as mesmas ideias*. Nós necessitamos, portanto, remediar as nossas confusões históricas” (*Idem* 1827, p. III).

⁴⁴ Georges Le Gentil 1920, p. 218.

⁴⁵ Considerado o pai da história científica no Brasil.

Humboldt e de Martius ao 1º volume da *História Geral do Brasil*, publicado em 1854. Chega mesmo, três anos depois, a intervir em negociações de definição das fronteiras brasileiras e francesas na América do Sul. Tal como o chevalier de Brito fizera, em 1817, com o apoio de Alexander von Humboldt.

Considerações finais

Humboldt, Correia da Serra, Jefferson e Andrada e Silva foram quatro estadistas e homens de ciência de campo que marcaram as respectivas épocas e nacionalidades. A Revolução Americana influenciou as demais, no mundo ibero-americano. As viagens de aprendizado (o *grand tour*), as expedições científicas intraeuropeias e americanas, as consequentes reflexões sobre as sociedades humanas, despertaram vocações científicas, políticas e artísticas. Um dinamismo intelectual em rede desenvolve-se à volta dessas quatro figuras, com correspondentes, discípulos e seguidores a procurarem desenvolver as áreas de intervenção e saber trilhados. Liberais e contra-revolucionários, progressistas e conservadores, como alguns dos nomes aqui invocados, espalharam a semente iluminista germinada pela botânica e escavaram os filões mineralógicos e documentais detectados por aquele quarteto. O mundo, científico e político, não foi o mesmo depois das suas intervenções. Os actuais modelos das redes de sociabilidades e de transmissão de saberes possuem raízes que remontam a essa época, de transição entre finais do século XVIII e meados do XIX. Para tal entendimento, contribuíram os ensaios documentados de Sandra Rebok e de Patricia Telles. Sintetizando e reorganizando o essencial do que, até 2014-2017, fora sobretudo analisado de forma monográfica, sobre Humboldt, Correia da Serra, Jefferson e Andrada e Silva, mas também Brito e Barca.

Referências:

- BALBI, Adrien. *Éssai Statistique sur le Royaume de Portugal et d' Algarve...* T. segundo. Coimbra: Imprensa Nacional/Casa da Moeda-Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004 (reimpr. fac-sim. da ed. de Paris de 1822).
- BOJADSEN, Angel (coord. ed.). *D. Leopoldina. Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006.
- BOURDON, Léon. *José Corrêa da Serra. Ambassadeur du Royaume-Uni de Portugal et Brésil a Washington (1816-1820)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1975.
- CALÓ, Adriana. *Missão Austríaca: influências e descobertas. Obvious*. Disponível em: http://obviousmag.org/coisas_de_dri/2016/missao-austríaca-influências-e-descobertas.html#ixzz52k4EMLfK (consultado em 15 de Março de 2019).
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *História de Portugal desde o seu descobrimento*. Vol. II. Paris: na Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1839.
- DAVIS, Richard Beale. *The Abbé Corrêa in America, 1812-1820. The contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of our National Life*. Providence: Brown University, S.D. [1993].
- FARIA, António. *Concepção de História e Prática Política. O Abade Correia da Serra (1750-1823)*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, 2001.
- GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Portugal na balança da Europa. Do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado*. Lisboa: Livros Horizonte, S.D. [1ª ed. 1830].
- GENTIL, Georges Le. *Bulletin Hispanique*. T. XXII, Nº 3. Bordéus e Paris: Julho-Setembro de 1920, pp. 217-223.
- NETO, Maria João Baptista. "Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um percurso cultural e artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal". In FERREIRA-ALVES, Natália Marino. *Artistas e Artífices e sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*. Porto: CEPESE. Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte, 2007, pp. 385-392.
- PINS, Jean de. *Sentiment et Diplomatie d'après des correspondances franco-portugaise: contribution à l'histoire des mentalités au debut du XIXème siècle / par ...* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1984.
- PUIG-SAMPER MULERO, Miguel Ángel. "Alexander von Humboldt, su Estancia en España y sus Contribuciones a la Geografía Peninsular". CUESTA DOMINGO, Mariano e REBOK, Sandra (coords.). *Estancia en España y viaje americano*. Madrid: Real Sociedad Geografica/Consejo Superior de Investigaciones Científicas [CSIC], 2008, pp. 69-83.
- REBOK, Sandra. *Humboldt and Jefferson. A Transatlantic Friendship of the Enlightenment*. Charlottesville e Londres: University of Virginia Press, 2014, p. 220.

SOFKA, James R. *Metternich, Jefferson and the Enlightenment: Statescraft and Political Theory in the Early Nineteenth Century*. Madrid: CSIC, 2011.

SANTARÉM, Visconde de. *Opúsculos e Esparsos. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1910 [1827].

_____. *Memórias para a História, e Teoria das Cortes Gerais, que em Portugal se celebraram pelos Três Estados do Reino, ordenadas e compostas neste ano de 1824*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Régia, 1827.

TEIXEIRA, Carlos. *José Bonifácio de Andrada e Silva, Mineralogista e Geólogo por... da Academia das Ciências de Lisboa*. Separata de *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências* T. XI, 1967.

TELLES, Patricia D. *O Cavaleiro Brito e o Conde da Barca. Dois diplomatas portugueses e a missão francesa de 1816 ao Brasil*. Lisboa: Documento, 2017, p. 231.